

PROGRAMA 2026

Uma diversidade de práticas, representações e narrativas na arte contemporânea

O programa de exposições do MAC/CCB estrutura-se em torno de linhas de investigação iniciadas no ano passado e desenvolve-se em colaboração com instituições externas, afirmando o MAC/CCB como uma referência nacional e internacional.

As linhas de investigação em arte moderna e contemporânea assentam:

1. na revisão crítica das narrativas canónicas da história da arte e da arquitetura
2. na valorização de práticas emergentes e novas visões das práticas consolidadas da arte contemporânea e da arquitetura, em duas direções: nacional e internacional.
3. na re-imaginação do papel dos museus na sociedade.

O programa expositivo procura articular leituras sistematizadas dos contextos históricos da arte com as transformações sociais, políticas e económicas, evidenciando a arte nas suas múltiplas relações com a experiência contemporânea. O Programa Público e o Serviço de Educação e Mediação desenvolvem iniciativas que promovem a interação e a descoberta de diferentes públicos, especializados e não especializados, em diálogo com as coleções e os programas artísticos do museu.

Iniciamos um novo ano no MAC/CCB, comprometidos com um pensamento crítico, dinâmico e aberto que nos permita rever as lições assimiladas e os discursos fechados e excludentes, abraçando o indeterminado, o que está latente, o que ainda precisa ser dito. Como nos lembra Walter Benjamin, a história sempre retorna, como fantasma e ruína, mas também, acrescentamos nós, como possibilidade. As coleções dos museus — e, nesse sentido, o MAC/CCB é um caso exemplar — funcionam como repositórios de passados recentes. As obras, entendidas como factos históricos, não se esgotam; pelo contrário, continuam a gerar sentidos. Cada nova apresentação das coleções permite revelar e reconhecer novos aspetos.

Em fevereiro, inauguramos a nova exposição permanente dedicada às artes a partir da década de 1970, o momento em que surge um novo ordenamento mundial que produz alterações transversais, das estruturas macroeconómicas globais até às micropolíticas pessoais.

A exposição «**MAY I HELP YOU? POSSO AJUDAR?**» **Artes e artistas da década de 1970 em diante**, inspirada pela performance homónima de Andrea Fraser, expõe a diversidade de representações, presenças e narrativas no campo artístico, questionando a ideia de uma direção única nas histórias da arte. Partindo de diálogos entre obras através das últimas cinco décadas, esta exposição investiga o que os artistas são e fazem, e os papéis sociais que imaginam para si. Desde as ruturas em relação à própria definição de arte, nos anos '70, até à acelerada digitalização do presente, a exposição coloca em ênfase formatos, funções e intensidades heteróclitas.

A revisão de narrativas contextuais também faz parte da missão de um museu. Em 2026 a arte portuguesa terá um papel principal, com as exposições de José Pedro Croft, Ângela Ferreira e Francisca Carvalho.

JOSÉ PEDRO CROFT. Reflexos, enclaves, desvios é uma proposta que apresenta um percurso retrospectivo através de esculturas, desenhos e gravuras. A obra de Croft articula o saber gráfico e a tradição construtiva com uma atenção percetiva e corporal densa, não acelerada. A prática de **ÂNGELA FERREIRA**, figura central na cena artística portuguesa, integra instalação, vídeo, fotografia e escultura. A exposição no MAC/CCB traça um percurso entre os primeiros trabalhos da década de 1990 e as criações mais recentes, revelando a investigação da artista sobre factos, infraestruturas, personagens e arquiteturas ligadas à colonização. A obra de **FRANCISCA CARVALHO** assenta na manipulação de símbolos e sinais oriundos de geografias diversas – experiências que a artista assimilou e transformou em colagens, desenhos, padrões, textos, pinturas e têxteis.

O diálogo com práticas artísticas e críticas fundamentais das últimas décadas que projetam novas formas de narrar e de repensar o mundo estabelece-se na exposição **OLHOS MÚLTIPLOS**, que reúne o trabalho de **Ines Doujak, Lubaina Himid e Patricia Domínguez**. São artistas de diferentes gerações que, a partir do sensível, do simbólico, do ancestral e do espiritual, bem como do popular, do carnavalesco, do mágico e do abjeto, propõem uma alternativa: a narração como prática íntima, porosa e polifónica. A capacidade da tecnologia para rever arquivos do passado dá-se a ver na exposição da artista **FRIDA ORUPABO. Cloud of Confusion**, que revisita o vasto arquivo de imagens que tem vindo a reunir na sua conta de Instagram, composto por material proveniente de arquivos coloniais, fotografias de cunho etnográfico, retratos familiares e ícones da cultura popular.

Naquela que é a sua primeira exposição em Portugal, o artista franco-argelino **NEÏL BELOUFA** cria no MAC/CCB um percurso em que o público é chamado a interagir com objetos e experimenta capítulos de um jogo de computador ao vivo (um posto de interrogação, um cenário do filme em Agrabah, um arquivo, um karaoke, um quarto de dormir, quartéis militares, etc.), num momento de confusão entre a ficção e a geopolítica.

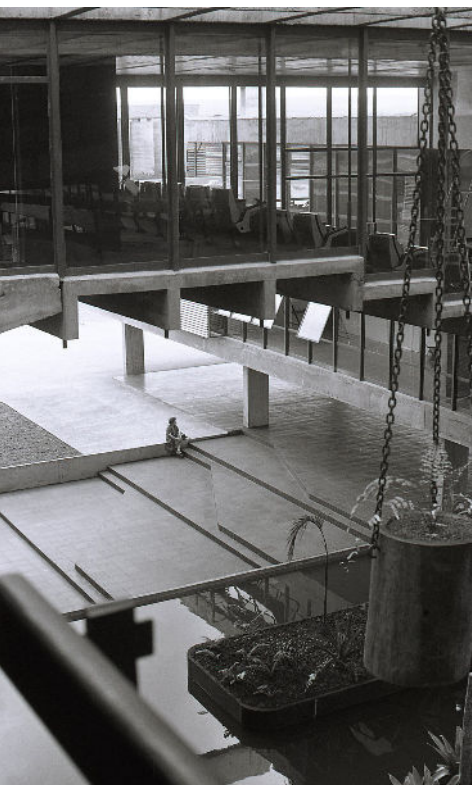
A exposição retrospectiva **MARISOL. WHEN THINGS ARE JUST BEGINNING** recupera um legado desconhecido e destaca na sua produção a importância do desenho, o meio pelo qual expressou preocupações globais, desconfortos pessoais e ficções imaginativas.

No Centro de Arquitetura do MAC/CCB, arranca já em janeiro uma exposição que revisita um passado recente: **HABITAR PORTUGAL**. Organizada pela Ordem dos Arquitetos de Lisboa em colaboração com o Centro de Arquitetura do MAC/CCB, apresenta cem obras de arquitetura portuguesa realizadas entre 1975 e 2025, abordando a disciplina enquanto gesto político, forma de persistência de memórias e evidência de ruturas e transformações.

Em junho, também no centro de arquitetura se apresenta **TERRA CRUA**, uma exposição que parte do solo — o chão sob os nossos pés — enquanto matéria, arquivo e agente. Num momento de pressão sobre os limites do planeta, olhamos para a terra crua não como um retorno nostálgico, mas como uma proposta radical para a arquitetura contemporânea em Portugal.

Nuria Enguita

diretora artística MAC/CCB



HABITAR PORTUGAL

Inauguração: 11 fevereiro

12 fevereiro – 26 abril

Centro de Arquitetura

Curadoria: Alexandra Saraiva, Célia Gomes e Rui Leão

Exposição organizada pela Ordem dos Arquitectos em parceria com o MAC/CCB

A arquitetura enquanto gesto político; o evidenciar de posições de rutura; o potenciar da persistência de memórias. Assim se definiram três eixos que oferecem um novo olhar sobre o projeto da Ordem dos Arquitectos, na senda das Exposições Nacionais de Arquitectura, iniciadas na década de 1980 pela então denominada Associação dos Arquitectos Portugueses. Para a sétima de Habitar Portugal, foram selecionadas 100 obras, com distintos programas e escalas diferentes, orientadas pela representatividade nacional e

internacional (incluindo a expressão portuguesa construída fora do país). Trata-se de um registo significativo e valioso que não só oferece um olhar panorâmico sobre o último quartel do século XX e o primeiro do século XXI, como também procura projetar o futuro da arquitetura contemporânea portuguesa, e consequentemente o desenvolvimento social, económico e territorial de Portugal no mundo.

© R. Chorrão Ramalho



«MAY I HELP YOU? POSSO AJUDAR?»

Artes e artistas da década de 1970 em diante

Inauguração: 25 fevereiro

Exposição permanente Piso -1

Curadoria: Nuria Enguita, Marta Mestre

Assessoria curatorial: Raphael Fonseca (Denver Art Museum)

A questão quotidiana «Posso ajudar?» foi usada pela artista Andrea Fraser numa performance que abordava as complexas relações institucionais no mundo da arte. A pergunta dirige também um questionamento ao próprio museu: que tipo de ajuda é realmente oferecida e que tipo de conexão ainda é possível esperar numa era de crescente fragmentação, dissonância e impermanência?

Gilbert & George,
"March", 1992

A exposição toma como ponto de partida cinco décadas de produção artística, da década de 1970 em diante, e inclui obras de 90 artistas, por exemplo, Ad Minoliti (no hall do museu), Alberto Carneiro, Carla Filipe, Doris Salcedo, Helena Almeida, Gabriel Abrantes, Gilbert & George, Jeff Koons, Júlia Ventura, Kara Walker e Richard Serra, entre muitos outros. As obras pertencem às coleções em depósito no MAC/CCB (Coleção Berardo, Coleção de Arte Contemporânea do Estado, Holma/Ellipse e Coleção Teixeira de Freitas), contando também com novas encomendas a artistas portugueses.



JOSÉ PEDRO CROFT

Reflexos, Enclaves, Desvios

Inauguração: 29 abril

30 abril – 13 setembro

Piso 0

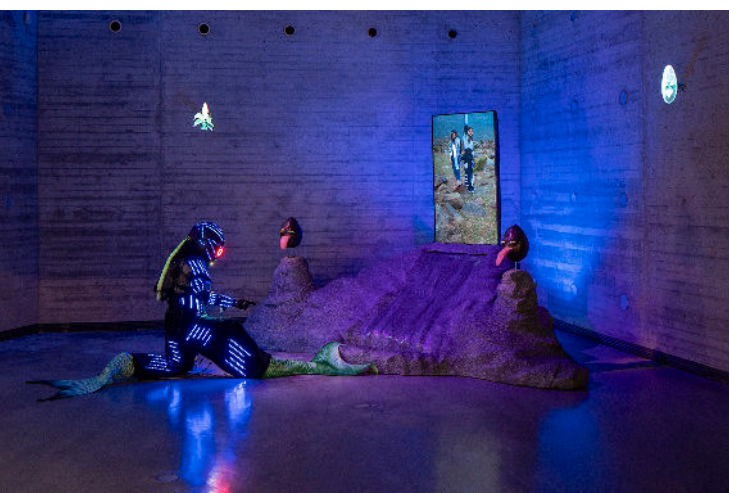
Curadoria: Luiz Camillo Osorio

Gravuras, desenhos e relevos dialogam em torno de um conjunto de esculturas que ocupa o eixo longitudinal do espaço expositivo. São os reflexos, enclaves e desvios de José Pedro Croft, um dos mais reconhecidos artistas portugueses,

no piso 0 do MAC/CCB. A seleção de obras para esta exposição individual revela a investigação contínua do artista sobre temas como corpo, escala, espaço e arquitetura, e explora os limites entre plano e tridimensionalidade. A exposição desenvolve-se em dois eixos interligados: por um lado, a articulação entre o fazer gráfico, a tradição construtiva e os elementos arquitetónicos; por outro, o rigor plástico que sugere uma experiência capaz de resistir à aceleração do nosso tempo.

© Pat Kilgore

© Imagen Subliminal



OLHOS MÚLTIPLOS

Ines Doujak, Lubaina Himid, Patricia Domínguez

Inauguração: 13 maio

14 maio – 25 outubro

Piso -1

Curadoria: Nuria Enguita, Rafael Barber Cortell



Numa era em que os ecrãs moldam a nossa perceção da realidade e os algoritmos ditam as nossas preferências, os trabalhos destas artistas — fundindo o sensível, o simbólico, o ancestral e o espiritual com o popular, o carnavalesco, o mágico e o abjeto — propõem uma alternativa: a narração como prática íntima, porosa e polifónica. *Olhos Múltiplos* aproxima três artistas de diferentes gerações que entendem a prática narrativa como um espaço colaborativo e político; e convida o público a encarar a alteridade não como ameaça, mas como espaço de aprendizagem, reflexão e cocriação de conhecimento. Desafiando narrativas singulares e binárias, reclamando a narrativa aos sistemas de controlo e demonstrando como a arte pode abrir espaços de diálogo, empatia e reconhecimento de diferentes formas de saber e de imaginar o presente.

FRIDA ORUPABO

Cloud of Confusion

Inauguração: 3 junho

4 junho — 1 novembro

Piso -1

Curadoria: Marta Mestre

Na sua primeira exposição individual em Portugal, Frida Orupabo revisita o vasto arquivo de imagens que tem vindo a reunir na sua conta de Instagram, composto por material tensões entre intimidade e violência e e instaura um espaço crítico. A exposição inspira-se no fluxo digital e enfatiza o «abismo» das imagens — a sua estranheza, a sua reverberação dispersa. Em diálogo com a arquitetura do MAC/CCB, a exposição desenha um percurso linear de oito momentos, ecoando o deslizamento contínuo entre ecrãs que caracteriza a nossa experiência digital. O título evoca a nuvem digital onde armazenamos imagens e dados, e também a névoa de informação, memória e esquecimento.





TERRA CRUA

Inauguração: 24 junho

25 junho — 1 novembro

Centro de Arquitetura

Curadoria: Madalena Vidigal

Num momento de pressão sobre os limites do planeta, olhamos para a terra crua não como um retorno nostálgico, mas como uma proposta radical para a arquitetura contemporânea em Portugal. A exposição traça um percurso da matéria bruta à ação consciente: desde a complexidade física e mineral do solo, passando pelo saber cultural

e técnico acumulado, até às práticas contemporâneas que reclamam a terra como um material de construção viável, ético e poético. Partindo do solo — o chão sob os nossos pés — enquanto matéria, arquivo e agente, esta exposição reúne conteúdos científicos e históricos, protótipos e casos de estudo contemporâneos, bem como instalações colaborativas e vivas, analisando e reutilizando terras escavadas em obras urbanas na cidade de Lisboa. Pretende-se fomentar o diálogo entre profissionais, investigadores e cidadãos; dar visibilidade a um movimento discreto, mas significativo, de arquitetura e construção de terra em Portugal; e contribuir para uma mudança cultural mais ampla, rumo a formas de arquitetura sustentáveis.

OLHOS MÚLTIPLOS

Ines Doujak, Lubaina Himid, Patricia Domínguez

Inauguração: 13 maio

14 maio — 25 outubro

Piso -1

Curadoria: Nuria Enguita, Rafael Barber Cortell

A prática de Ângela Ferreira, figura central na cena artística portuguesa, integra instalação, vídeo, fotografia e escultura. Nascida em Lourenço Marques, atual Maputo, e formada em Escultura na Universidade da Cidade do Cabo durante o período do apartheid, a sua biografia entrelaça-se com os temas que atravessam a sua obra. A exposição no MAC/CCB traça um percurso entre os primeiros trabalhos da década de 1990 e as criações mais recentes, revelando a investigação da artista sobre factos, infraestruturas, personagens e arquiteturas



ligadas à colonização. Os seus projetos não só comentam e atualizam os efeitos persistentes do colonialismo como também destacam os modos de resistência a esta realidade. Ângela Ferreira é reconhecida como uma das primeiras artistas em Portugal a confrontar e questionar abertamente o passado colonial do país.

FRANCISCA CARVALHO

Inauguração: 11 de novembro

12 de novembro – 4 de abril de 2027

Piso -1

Curadoria: Sara De Chiara

A obra de Francisca Carvalho assenta na manipulação de símbolos e sinais oriundos de geografias diversas – experiências que a artista assimilou e transformou em colagens, desenhos, padrões, textos, pinturas e têxteis. Esta exposição individual mostra as narrativas vertiginosas e complexas que, como uma mistura de múltiplas fontes, compõe um vocabulário rico e singular. Para lá de uma vasta seleção de obras em papel, a mostra explora a investigação que a artista levou a cabo na Índia – nas regiões de Rajastão e de Gujarat –, onde aprofundou técnicas tradicionais de padrões, corantes naturais, kalamkari e hand-block printing, assim como experiências com o vidro.



© António Jorge Silva



NEÏL BELOUFA

Inauguração: 11 novembro

12 novembro – 4 abril 2027

Piso -1

Curadoria: Marta Mestre

Em 2015, um inquérito dava conta que um terço dos norte-americanos apoiava o bombardeamento de Agrabah, a cidade imaginária de Aladdin. Quinze por cento manifestaram incerteza. Uma piada, sim, mas também uma marca dos tempos: a confusão voluntária entre ficção e geopolítica.

Naquela que é a sua primeira exposição em Portugal, o artista franco-argelino Neïl Beloufa cria no MAC/CCB um percurso no qual o público interage com objetos e experimenta capítulos de um jogo de computador ao vivo (um posto de interrogação, um cenário do filme em Agrabah, um arquivo, um karaóke, um quarto de dormir, quartéis militares, etc.). A cada interação do visitante, o seu percurso é registado através da ativação de sensores ou de um controlo algorítmico, transformando-o em agente ativo da narrativa ficcional.

MARISOL: WHEN THINGS ARE JUST BEGINNING

Inauguração: 2 dezembro

3 dezembro — 12 abril 2027

Piso -1

Curadoria: Laura Vallés Vílchez

Exposição coproduzida pelo MAC/CCB e pela Fundación Botín, Santander Concebida em colaboração com o Buffalo AKG Art Museum

A primeira retrospectiva dedicada aos desenhos de Marisol Escobar (Paris, 1930 – Nova Iorque, 2016), reúne mais de 100 obras produzidas desde a década de 1950 até à sua morte. Apresentadas ao lado de esculturas que prolongam a sua prática de desenho em três dimensões, de materiais de arquivo e de vários filmes de Andy Warhol em que participou, as obras, quase integralmente provenientes da coleção do Buffalo AKG Art Museum, destacam o desenho — o meio pelo qual expressou preocupações globais, desconfortos pessoais e ficções imaginativas — como fio condutor da sua carreira. O título remete para a pergunta que o galerista Leo Castelli fez no final da década de 1950 — «Como podes partir quando as coisas estão apenas a começar?» —, ecoando a decisão da artista de se afastar do mundo da arte em momentos cruciais que implicaram a transformação do seu trabalho.



© Ben Martin

UMA DERIVA ATLÂNTICA

As artes do século XX a partir da Coleção Berardo

Exposição permanente

Piso 2

Curadoria: Nuria Enguita, Marta Mestre e Mariana Pinto dos Santos



O Atlântico, sobretudo a partir de meados do século XX, torna-se um espaço fundamental de trânsitos e exílios, suscitando novas afinidades geopolíticas que moldam as subjetividades modernas com repercussões até ao presente. Enquanto exposição permanente das coleções em comodato no MAC/CCB, esta apresenta uma seleção de artistas portugueses e internacionais que desenharam a arte na história do mundo e mostram a modernidade enquanto eclosão múltipla de importantes transformações sociais, artísticas e tecnológicas. De Pablo Picasso a Amadeo de Souza-Cardoso, de Lourdes Castro a Marcel Duchamp, de Andy Warhol a Wifredo Lam, de Maria Helena Vieira da Silva a Joaquín Torres-García, de Jackson Pollock a Malangatana, e de Lucio Fontana a Ana Hatherly, num total de cerca de 170 artistas, a exposição apresenta uma série de capítulos que revelam as complexidades do desenvolvimento histórico e artístico no século XX.

PROGRAMA PÚBLICO

Desenvolvendo iniciativas para diferentes públicos, o Programa Público cria experiências de interação e descoberta das coleções e dos programas artísticos.

MÚSICA NO MUSEU — JAN-ABRIL

Os grandes nomes da arte e da música dialogam neste ciclo, um convite «sonoro» para conhecer as coleções. Incluindo recitais de Morton Feldman e John Cage, por exemplo, este programa é desenvolvido em parceria com as Artes Performativas do CCB.

MUSEU AO VIVO — MARÇO

Em março, o Museu ao Vivo ativa o espaço expositivo como território vivo de performance, som, música e corpo. Público-alvo: público geral, público especializado e públicos de convergência disciplinar.

FESTA DE ANIVERSÁRIO DO MAC/CCB — OUTUBRO

O MAC/CCB celebra o seu 3.º aniversário através de um extenso programa de inaugurações, visitas guiadas, oficinas e performances. Público-alvo: público geral; público especializado; públicos de convergência disciplinar.



SERVIÇO DE EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO

Promovendo experiências de aprendizagem em contexto não formal, o Serviço de Educação e Mediação quer aproximar as pessoas da arte moderna e contemporânea.

SALA LÚDICA

Fica no piso -1 do MAC/CCB, e trata-se de um espaço pensado para os mais novos onde brincar, experimentar e criar são caminhos possíveis (e desejáveis) para o diálogo com a arte. A cada nova exposição, é convidado um artista (ou grupo de artistas) para dinamizar este espaço.

MARCAR O LUGAR

Reforçando a relevância da arte como espaço de memória, presença e cuidado, definiu-se um programa de visitas e conversas especialmente dirigido a pessoas com Alzheimer e aos seus cuidadores, no espaço do museu.

VINCULAR

Este programa integra projetos continuados desenvolvidos com os espaços de ensino de Belém e arredores, tanto no museu quanto na escola. Engloba um conjunto de iniciativas que ampliam o impacto educativo e querem «Vincular» também as famílias enquanto participante ativa na edificação do conhecimento.

© Ana Inácio

**2026 no MAC/CCB
vai ser assim.**

Um bom ano e até já!

